

Alpinistas de árvores

Índios são treinados para coletar sementes nas alturas para estudo e venda

ANTÔNIO JOSÉ SOARES
 ESPECIAL PARA O JB

BELÉM - Índios da tribo Parakanã, cujas terras foram rasgadas ao meio pelo linhão de transmissão de energia da Eletronorte (Centrais Elétricas do Norte), a partir de Tucuruí, vão começar a ser treinados para escalar árvores usando a técnica do rapel - aparato de cordas utilizado por montanhistas para dar segurança em escaladas. Os índios passarão a coletar sementes de espécies amazônicas para ser estudadas por cientistas ou comercializadas com empresas interessadas em reflorestamento. O projeto pretende criar alternativa de renda para a população da região.

Uma equipe de pesquisadoras da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) Amazônia Oriental, da Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (Fcap) e do Museu Paraense Emílio Goeldi, iniciou esta semana a primeira fase desse treinamento, envolvendo 50 índios. Os parakanãs vivem em uma reserva de 600 mil hectares, no município de Novo Repartimento, sul do Pará. A iniciativa de treiná-

los para escalar árvores com auxílio de cordas e roldanas faz parte de um programa de conservação genética de floresta, financiado pela Eletronorte.

A pesquisadora Noemi Vianna Leão disse que o principal objetivo do projeto é dar à comunidade indígena a oportunidade de sobreviver em harmonia com os

recursos naturais - algo que os índios praticam há milhares de anos. "Além da colheita de sementes de espécies florestais, os índios Parakanã também trabalham com a extração do óleo da castanha-do-pará e com a produção de artesanato", explica a pesquisadora da Embrapa de Belém.

Para mostrar que a ex-

periência já está dando certo, ela lembra que este ano a Associação das Indústrias Madeireiras de Exportação (Aimex) solicitou a compra de 100 quilos de sementes de mogno para compor planos de reflorestamento. A quantidade corresponde a um ganho de R\$ 7 mil. Os índios também coletam sementes de tatajuba e castanha-do-pará. Esta segunda espécie despertou o interesse da Associação de Reflorestadores de Marabá (Asimar), que comprou 100 quilos do produto. Além de receber um produto de boa qualidade, os compradores têm acesso a informações técnicas disponibilizadas pela Embrapa - como o teor de umidade, pureza e capacidade de germinação das sementes.

A explicação da necessidade de treinar os índios para apanhar as sementes nos galhos segundo a Embrapa, é que essas sementes se perdem no meio da folhagem seca das árvores, das plântulas, ou são comidas pelos animais rasteiros. Colhendo-as maduras, nas copas das árvores, evita-se que sejam também atacadas por insetos, fungos encontrados no solo, geralmente úmido, ao pé das árvores.

